

■ RESENHAS

■ Traçando um caminho para educação libertadora com Movimento Negro

 *Rafaela Rodrigues de Paula* *

Resumo: A presente resenha busca apresentar a obra *Movimento Negro Educador* (2017) de Nilma Lino Gomes, traçando um caminho de exposição das principais reflexões da autora em seu livro, além de apresentar as referências que auxiliam na construção do que autora nomeia pedagogia da emergência. Passando brevemente pela divisão de saberes produzidos pelo Movimento Negro feita por Gomes em sua obra, a resenha consiste em colocar tal livro como contribuinte para resgatar o caráter emancipatório da educação, bem como para pensar uma educação libertadora e antirracista.

Palavras-chave: Movimento Negro. Educador. Escola.

Abstract: This book review seeks to present the work *Movimento Negro Educador* (2017) by Nilma Lino Gomes, exposing the main reflections of the author in her book, as well as the references that she uses to construct what she calls 'emergency pedagogy'. Briefly discussing how Gomes frames the branches of knowledge produced by the Black Movement in her work, this review advances the understanding that the book is a key contributor to rescue the emancipatory character of education, and also an important resource to think about a liberating and anti-racist education.

Keywords: Black Movement. Educator. School.

* *Rafaela Rodrigues de Paula* é graduanda em Ciências Sociais na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Integra o Programa de Educação Tutorada (PET) de Ciências Sociais, financiado pelo FNDE. Contato: rafaeladepaularodrigues746@gmail.com

A presente resenha trata do livro *O Movimento Negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação* (2017), da autora Nilma Lino Gomes, publicado pela editora Vozes Ltda. na cidade de Petrópolis, Rio de Janeiro (154p.).

Nilma Lino Gomes é uma educadora, doutora em Antropologia Social/USP e pós-doutora em Sociologia. Atuou na Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial e foi ministra do Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial, da Juventude e dos Direitos Humanos (2015-2016). Atualmente, é Professora Titular Emérita da Faculdade de Educação da UFMG. Além da obra apresentada, Gomes também publicou os livros de destaque, como: *Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra* (2017) e *O negro no Brasil de hoje* (2016), em parceria com o antropólogo Kabengele Munanga. A autora também produziu obras voltadas para o público infantil, como por exemplo *O menino coração de tambor* (2013). Gomes ainda atua na pós-graduação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, e possui uma contribuição imensurável na história de políticas de ações afirmativas, bem como nos estudos de uma educação antirracista no Brasil.

O livro *O Movimento Negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação* (2017) é estruturado da seguinte forma: prefácio escrito pelo sociólogo Boaventura de Sousa Santos; introdução; divisão em sete capítulos, assim intitulados: 1) O Movimento Negro Brasileiro como ator político; 2) Pedagogias que emergem; 3) O Movimento Negro e os saberes; 4) Tensão regulação-emancipação, produção de conhecimentos e saberes; 5) Corporeidade negra e tensão regulação-emancipação social: corpo negro regulado e corpo negro emancipado; 6) Tensão dialética e crise do pilar regulação-emancipação sociorracial no campo das relações raciais e educação; 7) Movimento sociais, Movimento Negro e subjetividades desestabilizadoras; e considerações finais.

A obra parte da afirmação que o Movimento Negro é um educador. Educador no sentido muito bem colocado por Boaventura de Sousa Santos (2017) “educador porque gera conhecimento novo, que não só se alimenta as lutas e constitui novos atores políticos, como contribui para que a sociedade em geral se dote de outros conhecimentos que a enriqueçam no seu conjunto.” (SANTOS, 2017, p. 10). Gomes parte de uma historiografia das movimentações políticas do Movimento Negro Brasileiro e suas constantes contribuições para educação brasileira, que incluem desde movimentações mais teóricas como a resignificação e a politização da raça até movimentações legislativas como a conquista da Lei 10.639/03¹.

Partindo de conceitos da “sociologia das ausências

e das emergências” do sociólogo Boaventura de Sousa Santos (2004), Gomes propõe uma pedagogia da emergência. Compreende-se por “sociologia das ausências”:

A sociologia das ausências consiste numa investigação que visa demonstrar aquilo que não existe, é na realidade ativamente produzido como não existente, isto é como uma alternativa não credível ao que existe.(...) A sociologia das emergências consiste em substituir o vazio do futuro segundo o tempo linear por um futuro de possibilidades plurais, concretas, simultaneamente utópicas e realistas, que vão se construindo no presente mediante atividades de cuidado. (GOMES, 2017, p. 40-41).

Partindo dessa conceituação, Gomes propõe uma pedagogia que busca visibilizar conhecimentos e saberes produzidos pelo Movimento Negro no campo da educação, muitos dos quais foram sendo apagados e/ou nem chegaram a estar presentes na sociedade, especificamente nos ambientes educacionais, espaços esses em que os saberes produzidos pelo Movimento Negro tem muito a contribuir.

Tal situação gera, segundo a autora, uma tensão regulação-emancipação em relação aos conhecimentos produzidos e apresentados nas instituições, sobretudo na escola. A escola, segundo Nilma Lino Gomes (2017), é a principal instituição de produção de conhecimentos, porém de conhecimentos universalizantes e muitas vezes excludentes. Diante de tal tensão, Gomes (2017) advoga em prol da emancipação dos “saberes produzidos pela comunidade negra e sistematizados pelo Movimento Negro Brasileiro” (p. 67), que são definidos pela autora como: “saberes identitários, os políticos e os estético-corpóreos” e que podem contribuir para construção de uma educação libertadora e emancipatória.

Nilma Lino Gomes (2017) expõe toda uma construção de saberes produzidos pelo que ela denomina como Movimento Negro, sendo esse constituído por:

negras e negros em movimento: artistas, intelectuais, operários e operárias, educadoras e educadores, dentre outros, ou seja, cidadãos e cidadãs que possuem uma consciência racial afirmativa e lutam contra o racismo e pela democracia, mas que não atuam necessariamente em uma entidade ou organização específica. (GOMES, 2017, p.18).

Os saberes que se enquadram na categoria “estético-corpóreo” também são trabalhados pela autora em outra produção sua, intitulada *Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra* (2017). Esses saberes são ligados à corporeidade negra e fazem o resgate de apresentar o corpo e o cabelo negro como símbolos de resistência e existência, retirando o exotismo. Os “saberes políticos”, por sua vez, englobam um trabalho árduo com as instituições e poderes públicos brasileiros para apresentar a centralidade da raça nas

políticas públicas do país. Finalmente, os “saberes identitários”, segundo a autora, incluem ações para “recolocar o debate de raça no Brasil”, fazendo com que negros e negras brasileiras se tornem mais politizados e conscientes acerca da temática racial.

A partir da conceituação desses saberes, Gomes (2017) articula sua influência na construção de uma pedagogia das ausências e emergências, baseada numa pedagogia da emancipação e da diversidade². Nas palavras da autora:

Os saberes emancipatórios construídos pela comunidade negra e organizados pelo Movimento Negro indagam essa pedagogia reguladora e conservadora. Por isso, o estudo crítico desses saberes produzidos na tensão regulação-emancipação sociorracial traz para teoria pedagógica não somente novos conhecimentos. Ele nos ajuda a conhecer e compreender novos processos de produção do conhecimento e outros conhecimentos e nos pressiona a repensar conceitos, termos e categorias analíticas por meio dos quais os processos educativos dentro e fora da escola têm sido interpretados via a racionalidade científico-instrumental. (GOMES, 2017, p. 136-137).

Acredito que uma das grandes contribuições dessa obra é nos ajudar a pensar não apenas uma pedagogia emancipatória, diversa, mas também a resgatar o caráter emancipatório da educação como um direito social. Como é alertado por Gomes (2017), a escola, principalmente a pública, é resultado de uma luta popular e de um processo de emancipação social; porém essa mesma escola “se esquece de que ela é uma instituição que mais recebe corpos marcados pela desigualdade sociorracial (...) Corpos sábios, mas que têm seu saber desprezado enquanto forma de conhecimento”. (GOMES, 2017, p. 134).

Não faltam relatos e pesquisas que abordam como a escola tem sido um lugar de regulação dos corpos negros. Em seu livro *Negras (In)confidências: Bullying não. Isto é racismo* (2013), Benilda Brito e Valdecir Nascimento trazem vários relatos de mulheres negras

educadoras que contam suas vivências escolares e como essas se tornam doloridas em virtude do tratamento dado a corpos negros femininos dentro de instituições são afetadas por estereótipos construídos sobre corpos negros. Outra pesquisa interessante é o trabalho de Lúcio Oliveira, *Tímidos ou Indisciplinados?* (2007), que relata as expectativas e construções de professores sobre estudantes negros e como isso afeta a visão que esses alunos vão ter de si próprio dentro do ambiente escolar.

Como aponta o sociólogo Rodrigo Ednilson de Jesus (2018), os mecanismos de exclusão funcionam a cada dia de forma mais eficiente, resultando no fracasso escolar de negros e negras. Neste sentido, é preciso construir um novo caminho para as experiências educacionais desses indivíduos, que sejam realmente emancipatórias e libertadoras. Como bem colocado pela pedagoga bell hooks³:

Toda educação tem uma intenção, um objetivo que somente pode ser político. Ou se mistifica a realidade tornando-a impenetrável e obscura, o que leva pessoas a marcharem às cegas através de labirintos incompreensíveis, ou se desmascara as estruturas econômicas e sociais que estão determinando as relações de exploração e opressão entre as pessoas, derrubando os labirintos e permitindo que as pessoas caminhem em sua própria estrada. Então nos vemos confrontados com uma opção evidente: educar para a dominação ou educar para a libertação. (HOOKS, 2019, p. 212).

Assim, acredito que as construções de Nilma Lino Gomes em sua obra *Movimento Negro Educador* (2017) representam uma chama de esperança que ilumina um caminho da construção de uma educação para libertação. Ao se resgatar as construções e saberes emancipatórios do Movimento Negro (ou, como colocado pela autora, por negros em movimentos), se torna possível fortalecer uma pedagogia e uma educação que reconheçam o Movimento Negro enquanto produtor de conhecimento e que contribui para uma educação emancipatória para todos. ■

Notas

¹ A Lei nº 10.639 é uma lei do Brasil que estabelece a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira dentro das disciplinas que já fazem parte das grades curriculares dos ensinos fundamental e médio. Também estabelece o dia 20 de novembro como o dia da consciência negra no calendário escolar.

² Ao abordar a pedagogia da diversidade, Gomes (2017) está retomando reflexões do educador Paulo Freire.

³ A referência a autora está em letras minúsculas, devido um pedido seu publicizado em querer ser citada dessa maneira.

Referências

BRITO, Benilda, NASCIMENTO, Valdecir. **Negras (in)confidências**. Bullying, não. Isto é racismo. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2013.

GOMES, Nilma Lino. **Um menino coração de tambor**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2013.

_____. **O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis: Editora Vozes, 2017.

_____. **Sem perder a raiz: Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra**. Autêntica Editora, 2019.

HOOKS, Bell. **Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra**. São Paulo: Elefante, 2019.

JESUS, Rodrigo Ednilson de. Mecanismos eficientes na produção do fracasso escolar de jovens negros: estereótipos, silenciamento e invisibilização. **Educação em Revista**, v. 34, p. e167901, 2018.

MUNANGA, Kabengele. GOMES, Nilma L. **O Negro no Brasil de Hoje**. Global, 2011.

OLIVEIRA, Lúcio. **Tímidos ou Indisciplinados?** in Coleção Percepções da diferença negros e brancos na escola.2007. V.07

SANTOS, Boaventura de S. Por uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. In: SANTOS, B. S. (org.). **Conhecimento prudente para uma vida decente**. São Paulo: Cortez, 2004, p.777-821.

_____. Boaventura de S. Prefácio. In: GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis: Editora Vozes, 2017.